

# SOLILÓQUIO

Marcos Satoru Kawanami

Rua Dr. Edmilson Pessoa Cavalcanti, 1357  
CEP: 15190-000 NHANDEARA - SP

tel: (17) 3472-2989



O trabalho SOLILÓQUIO de [Marcos Satoru Kawanami](#) foi licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição - NãoComercial - SemDerivados 3.0 Não Adaptada](#).

Com base no trabalho disponível em [memoriasdaliravelha.blogspot.com](#).

Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em <http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/>.

Here is the suggested HTML:

```
<a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/"></a><br />O trabalho <span xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/" href="http://purl.org/dc/dcmitype/Text" property="dct:title" rel="dct:type">SOLILÓQUIO</span> de <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/" property="cc:attributionName" rel="cc:attributionURL">Marcos Satoru Kawanami</a> foi licenciado com uma Licença <a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/">Creative Commons - Atribuição - NãoComercial - SemDerivados 3.0 Não Adaptada</a>.<br />Com base no trabalho disponível em <a xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/" href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/" rel="dct:source">memoriasdaliravelha.blogspot.com</a>.<br />Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/" rel="cc:morePermissions">http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/</a>.
```

## O SENTENCIADO

Ter alma de poeta é sacrificio  
a Deus, por sacerdócio leigo infame  
ainda que o poeta, em vão, derrame  
o sangue de si mesmo em prol do ofício.

Ter alma de poeta é ter por vício  
o verso, mesmo que ninguém declame  
a ninfa cujo zelo ora lhe inflame  
o crânio a meningítico artifício.

Ter alma de poeta, enfim, é isto:  
é parecer saudável na doença;  
é parecer ateu mas seguir Cristo;

é acrescentar penhor se não compensa;  
é dar bom dia à noite, e ainda, insisto,  
é redigir na testa uma sentença!

## FELICIDADE CANINA (the pursuit of happiness)

Um tal instinto bom eu tenho tido,  
que desde a aurora verde de menino  
conduz-me em descaminhos cujo tino  
teria diplomado um falecido.

Por mais que me quisesse desistido  
o mundo de cumprir o meu destino,  
o bom talante alegre e olhar canino  
feliz em si tem sempre persistido.

Cachorros são felizes porque querem:  
lá na indigência hostil do viaduto,  
ou no trabalho árduo do polo.

E nesse olhar canino que os diferem,  
conforme é mais o afável que o astuto,  
pessoas há que têm dos anjos colo.

## O LABIGÓ E O PROGRESSO DA CIÊNCIA

Cientistas, lá na Itália,  
nos dizem que a luz não jaz  
na primazia que valha  
por veloz coisa primaz.

De há muito vovó sabia,  
contudo sem dizer nada,  
lascando o bico no dia  
da verdade anunciada.

É que, no quintal de casa,  
da casa de minha avó,  
vêm uns bichos que nem brasa  
da raça do labigó...

E labigó papa mosca,  
é lagartinho furtivo,  
sem-vergonha, da cor fosca,  
de tino pouco inventivo.

Mas... labigó sempre foi  
do que a luz muito mais lépido  
no abocanhar grilo-boi,  
diz vovó em tom intrépido!

Ao filmar o labigó  
abocanhando uma presa,  
em HD, foi certeza:  
razão tinha a minha avó.

Imagem não registrou  
a câmara do evento  
que tão veloz se passou,  
e aqui dou depoimento.

## NINFA E SÁTIRO

Ela: uma ninfa tão merecedora  
de todo o mais difícil simples verso,  
de todo puro amor que há no Universo,  
sem saber de tal dom ser retentora...

Eu: um sátiro mau, qual sempre fora,  
espreito o que há de bom, no anseio imerso  
de assimilar também o bem diverso  
à minha natureza repulsora!

É tarde na floresta, o bosque apaga,  
e os pirilampos surgem na quebrada,  
magificando a silhueta vaga...

A ninfa, pelo sátiro beijada,  
percebe afago exato, e muito afaga  
em prol da Eternidade eternizada!

## AVE MARIA PÓS-MODERNA

A luz que passa pelo cristalino  
dos olhos chega ao fundo cerebral  
recomposta em elétrico sinal  
diverso do universo extra-tino.

A taça diz que “veritas in vino”,  
em forma inversa, imagem espectral  
vertendo na retina uma anormal  
verdade aceita por qualquer menino...

Talvez o impulso elétrico reflita  
externamente apenas algo novo  
e tão antigo quanto a luz bendita

no céu de cada qual de cada povo  
cujo drama tem sido a mãe aflita  
dos elétrons por quem eu me comovo.

## MUNDO DAS IDÉIAS

No mundo das idéias só, vivia  
eu só, que de ideais fugir tentava;  
atado por Platão, eu me arrastava  
à banda de Aristóteles da via.

Da via em que seguia noite e dia,  
poeta que, no mundo, calculava  
o que era coisiforme e destoava  
da esfera onde o ideal lhes bem servia.

Baixava-me Aristóteles ao caos  
a ser esquadrinhado a lápis, ou  
elevado à potência do ideal.

Mas, quando toda a frota soçobrou,  
eu vi que tudo é bom; e, afinal,  
no mundo das idéias sempre estou.

## IDÉIA DE ADÃO

Não é verdade que eu só diga não  
a quem só queira ouvir meu doce sim;  
sim, é verdade, sempre tem de mim  
paciente ouvido a boca da razão.

Se almejo ir além da compreensão  
a matutar até ficar carmim,  
é bem capaz que eu fique mesmo assim  
porque só tenho idéia de Adão!

Que foi este soneto até aqui  
—além da praxe da enrolação—  
mais do que ir alternando im com ão?

Acabe de Goiás todo o piqui,  
paciente ouvido à boca da razão,  
humano é o nome da contradição.

## SONETO SOLILÓQUIO

Naturalmente em mim autista hermético,  
o drama foi fazendo-me... dramático!,  
extravasando até o esquema tático  
em prol de um benefício mais estético.

Atleta mais melódico que atlético,  
sou simbiose de um sopro pneumático  
trompista, e artifício matemático;  
e em síntese resumo do frenético.

Pois disse-me a parteira no meu parto  
que eu fosse à merda!; eu ri, e teve início  
a minha saga errante de Pinóquio.

E dentro do meu crânio existe um quarto  
em cena teatral donde o bulício  
da platéia é aplauso a um solilóquio...

## SONETO SHOELESS

No afã de superar minhas manias  
de símio faniquítico cristão,  
adotei como pai o velho Adão  
para circuncidar tudo o que eu via.

Eu quis Raquel, porém casei com Lia,  
e ainda de pastor servi Labão;  
topei com boi chifrudo em contra-mão,  
lançando as bases da Cornogonia...

Corinthiano sou, e não santista,  
porque não vi jogar o rei Pelé  
que teria me feito um vitorista!

Eu gosto de louvar mesmo é o Mané,  
o sumo do resumo idealista,  
eu gosto é de mulher que tem chulé!

## A GAROTA DE ITAQUERA

No metrô se vai ao longe  
balançando o sono fora,  
meditando feito um monge  
à noite a tardia hora...

Mas balança na alvorada  
a Vênus planeta fêmea,  
trazendo a vitaminada  
alma que da minha é gêmea.

Eu embarco no vagão,  
e a tristeza se dissipa;  
derrete o meu coração,  
que me constipa, constipa!

Vejo a musa do meu ser  
que me inspira à luta, avante!  
Oh, eu preciso nascer,  
sinto a Vida confiante.

Quando vem a alvorada,  
minha vista iluminada  
transcendente de outra era;  
é que pousa nela a amada  
garota ideal, sonhada,  
a garota de Itaquera...

Do mundo quero mais nada;  
no meu peito há uma cratera  
de planeta destinada  
à garota de Itaquera!



## FALOU SOZINHO

Se tanto foi escrito, me é forçoso  
o ofício de escrever a essa gente;  
verdade seja dita expressamente:  
Verdade é o Soberano Magestoso.

Palavra diluída em lacrimoso  
minguado verso meu ingentemente  
diante da Palavra onipresente  
conduz-me de tal modo sempre ao gozo!

A Vida bem vivida e celebrada,  
Verdade seja dita, é o Caminho  
da história tantas vezes recontada.

Iria eu escrever sobre o carinho  
plantado no meu peito a mão de fada,  
mas vejo que o Amor falou sozinho!

## BORDADO

O meu corpo é um novelo  
do linho mais amarelo,  
minha vida é desfazê-lo  
no verso do amor singelo.

Nas tantas noites que velo,  
castigando o cotovelo,  
as rimas a quem apelo  
são a voz do mudo zelo.

Assim, eu deixo um bordado  
neste planeta a quem tem  
lido o que tenho deixado.

Se acaso você também  
tem-me igualmente estimado,  
borde-me aí do seu lado.

## INTÉ

Deus, para não ser só, fez-se Trindade;  
e tanto de Amor tinha guardado,  
que ao lavor de um teatro planejado  
em Redenção ergueu à Humanidade...

Eu, por viver tão só em toda idade,  
não tenho nem ao menos um cajado  
para desfalecer morto escorado,  
talvez esteja falho da Vontade.

Vontade que do Caos faz engrenagem;  
palavra, sopro, amor de toda gente,  
convívio, comunhão, camaradagem.

Mas eu, que amigo sou de um indigente,  
amigo não serei de quem não é:  
—Não desça do vagão do trem, inté!

## BOOK 88

para o amigo Tonho Oliveira

*Assovio flauta atual, foi vossa  
darradeira menção de vosso ofício,  
e eu fiz estes palíndromos por vício  
às sobras, o don no dosar bossa...*

Mas vide que o soneto, minha nossa!,  
tem falha métrica, a bem do artifício,  
na tal palindroforme estrofe, indício  
que o Tonho em apuros põe-me à troça.

Pois é, o autor do “oitentaoitinho”, a mim,  
pediu que versejasse para o livro,  
o “Book 88”, cheio de artes

impossíveis à la Escher; e, em fim,  
do teu pedido, amigo, não me esquivo  
ainda que o soneto tu descartes.

## O VERSO SIMPLES

"A vida inteira eu quis um verso simples"  
a fim de transformar tudo que digo  
em melodia amiga aos meus amigos  
e inimigos, amigos que hão de vir.

Que a forma, disciplina a qual eu sigo  
esquivo ao verso-livre, não me prive  
do livre pensamento, e um dia em fim  
eu livre me desligue do que ligo.

O verso que virá resume a vida,  
une as pontas e une a unidade  
do que era dispersivo e sem guarida.

A vida inteira eu quis achar verdade  
em toda ingratidão desmerecida,  
e o verso simples sempre foi saudade.

18 de janeiro de 2012

TONHO DITO!

para meu amigo Tonho Oliveira

É o que tonho dito:  
da vida às margens plácidas do Ipiranga  
germinou, como que um dever cívico,  
o ofício de trovador  
do trovão da dor do dedo  
indicador do deus Dionísio,  
ébrio feito Escher concebeu do  
Mundo das Ideias  
Ideias do Mundo  
ébrio, feito Escher concebeu do  
indicador do deus Dionísio.

Do trovão da dor do dedo,  
o ofício de trovador  
germinou, como que um dever cívico  
da vida às margens plácidas do Ipiranga:  
é o que tonho dito.

Nhandeara, 19 de janeiro de 2012

ArquiteTonho

(ler de cima pra baixo e de baixo pra cima)

calo em sentir  
quando o que não disse  
por conta daquele alcandorado dia  
de nossas vidas fragmentadas  
é real na unidade  
de um desenho à la Escher  
quando o ArquiteTonho sorve inspiração.

19 de janeiro de 2012

## SEMPRE APENAS

O que eu amava era o próprio Amor,  
e eu não sabia, e ia procurando  
em tudo quanto ia assim amando,  
e sempre assim achando a rima dor.

Então, vejamos, põe zelo, leitor:  
difuso guia, ao cego mais cegando,  
fazia eu de mim mesmo sempre e quando  
metáforas tirava de uma flor...

Agora, sendo finda a primavera  
atípica e hostil dos anos meus,  
ameno é o verão por sobre a terra.

Entendo a busca, a qual então se deu.  
e pela qual o errante tanto erra  
amando, em tudo, sempre apenas Deus.

## APOLOGIA DA ESTÁTICA

Imóvel permanece quem na vida  
se encontra satisfeito por completo;  
tem tudo, mesmo sendo analfabeto,  
quem vive agora a sorte prometida.

Mais vale a permanência que a partida  
se talvez o além-mar nos guarde afeto,  
posto que não há gozo mais seletivo  
do que prezar a sorte recebida.

O mundo foi criado por amor,  
mas por paixão está em movimento;  
de maneira que ocorre-me supor:

Tendo Deus agitado o firmamento,  
e dado a nós a Sua semelhança,  
serão leis o mover e a esperança?

SONETO À MODA DA CASA  
ao Vinícius de Moraes

Não comerei da alface a verde prega:  
eu nunca fiz questão de andar na moda,  
ser vegetariano me incomoda;  
um lombo, uma chuleta... não se nega.

Quem desde tenra idade se apega  
à mania fraterna de na roda  
botar o seu jiló, rapaz!, à poda  
de tudo quanto é pau faz vista cega...

Meu lado ecologista, já, preserva  
os paus no seu lugar, dentro da mata,  
e as cobras se escondendo pelas moitas.

Concordo com Vinícius: comer erva...  
além de coisa insípida, é chata,  
pra quem já lambuzou-se em carne afoita!

THE LEGEND OF 1900

O barco sintetiza o nosso autismo,  
o porto nos aparta do que é mal  
que é terra firme afeita ao vil metal  
onde naufraga todo idealismo.

Sim, em verdade, o nosso esquisitismo  
é lápide funesta sepulcral  
durante toda a vida. Na real,  
o medo não me assalta ao pé do abismo.

Pois sei que o reles fado da matéria  
é o caos quem rege, ou seja, a mão de Deus,  
fazendo tudo em prol do bem maior.

E o mundo já parece uma pilhéria,  
em tudo sendo bom no caos, e os meus  
dias são mais reais no além melhor.

### Soneto de Santos Dumont

No alegre turbilhão da juventude,  
no esplendor do motor por explosão,  
em meio de projetos a efusão,  
criar o aeroplano então eu pude.

Crete no ser humano, na virtude,  
tudo era festa!, tudo empolgação,  
“belle époque”..., ninguém pensava não  
que Marte conspirava oculto e rude.

Veio a guerra, o carrasco do progresso?;  
talvez não, pois usou-se o aeroplano:  
não o inventasse, agora triste eu peço!

Somente o ser humano é desumano...,  
e, assim, por suicida eu quis ingresso  
na morte-símbolo do ser humano.

### Soneto ao Idiota

Tudo de bom já foi escrito; e eu:  
que poderei somar à arte escrita?,  
pois, hoje em dia, quem escreve, imita  
as idéias de alguém que já morreu.

Infeliz todo aquele que nasceu  
na era Huxley, época maldita:  
com pena não se escreve, se digita  
o grito! que é da máquina, ou meu?

Não termino o soneto, e já se esgota  
a lástima que eu tinha a esparramar;  
e quem lê faz a vez de um idiota

que quer ver onde é que isto vai dar:  
vai dar no céu, no mar, na flor que brota...  
de todos os clichês da dor de amar.

Jacó e Raquel

“Sete anos de pastor Jacó servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
mas não servia ao pai, servia a ela”  
(Camões)

Sete anos pondo fé Jacó bebia  
cachaça por Raquel, caipira bela;  
mas não bebia só, e sim com ela,  
porquanto embriagá-la pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,  
passava contentado na esparrela;  
porém a moça, usando de cautela,  
jamais se embriagava, só fingia.

Vendo o pinguço, assim, que com enganos  
sempre escapava sóbria a sedutora,  
pudicamente e nada dodivana,

despenca-se a beber outros sete anos,  
dizendo: —Mais bebera se não fora  
para tão grande amor tão pouca cana!

## SONETO FERROZ

Eu não quero o lirismo comedido,  
como já disse o velho e bom Bandeira;  
eu não quero a bandeira brasileira  
entre tantas de um mundo dividido.

Eu quero o amor geral, o Amor perdido,  
difuso, tão confuso, assim sem eira  
nem beira, só a vontade prazenteira  
de viver sem jamais ser iludido.

Eu não quero este mundo decadente  
que se ufana a dizer ser progressista  
num suicídio lento, enquanto mente.

Eu quero é o ideal surrealista,  
a doida sanidade do demente,  
a lúcida loucura do autista!



## SONETO MARGINAL

Silvam velozes ventos; reverberam  
luzentes melodias de engrenagens;  
os carros saem todos das garagens;  
quatrilhões de neurônios deliberam...

Gigantes colossais gusa encarceram,  
e vertem a matéria das ferragens;  
nas árvores germinam as serragens,  
enquanto todos sonham que prosperam...

Avante!, urbe, metrópole paulista:  
“non ducor, duco”, diz teu bravo lema;  
teu lema insubmisso, idealista!

Enquanto, fora, voga tal esquema  
de progresso, barganhas e conquista:  
eu, marginal, cinzelo este poema.

[www.cancaodoexilio.com](http://www.cancaodoexilio.com)

Colhendo a “cinza das horas”  
no meu claustro negro e frio,  
já velho sem negro fio  
sobre o crânio que demora

(contra o câncer que o devora)  
a ceder sem glória e brio,  
sem o porvir já tardio  
do riso infantil que chora,

eu, o “cadáver adiado”  
todo avesso a polidez  
já não pensava, extasiado

em obscena vetustez,  
quando fui repatriado:  
— quem conversa em PORTUGUÊS?

WE?

Loneliness is a so natural state  
of any living matter you will find;  
'cause when I was a child, now I remind  
myself: I was alone, that was my hate!

I had a mother, a father, a faith,  
and the true love of my sister, so kind...  
come from the very equal flesh of mine,  
and, yet, I was I behind the soul's gate!

Now, where's my faith, my sister, where am I?  
in this spinning sphere which just says good bye  
to teach us good bye, to teach us to pass...

As our life goes too fast, we're lonely as  
the fast space-ship that goes faster as far  
it is from us, from the Origin we are!

## ASTRONAUTAS DO PASSADO

O gigante impávido colosso  
jaz contemplativo:  
...é, e o que fiz de mim?

O gigante corrói-se por dentro:  
Faltou-lhe a fé?  
Talvez não, mas foi vil  
por poder ter sido e não é  
venturoso, Brasil.

Há séculos aqui aportaram  
os astronautas do passado  
que o bravio Atlântico singraram;  
e agora Portugal, do outro lado,  
chora a cantar um fado dolente  
com nostalgia daquela sua gente  
que com coragem sobre-humana  
dilatou o mundo  
plantando a cruz em cada continente.

## CONTRADIÇÕES

Portugal...

Lá meu passado deixei,  
No chão que nunca pisei.

Não faz mal...

Mal é o mundo que pisei,  
Que pisou-me e não deixei.

Frio val...

Das mentiras que aceitei,  
Das verdades que inventei.

Pá de cal...

Finda tudo que sonhei,  
Mal-me-quer que não plantei.

Prantinal...

Lembro tudo que não sei,  
Lembro o que nunca serei.

Funeral...

Amo a morte que esperei,  
Espero a mulher que amei.

## MEMÓRIA DO FUTURO

Era um retrato cinza, preto e branco...  
do tempo dos antigos, de primeiro,  
quando a morte assombrava o mundo inteiro  
e o fuzil vitimava a cada tranco.

Em uma vila, à beira de um barranco  
de escombros e despojos de guerreiro,  
tendo ao fundo o adejar de um bombardeiro,  
chorava uma criança sobre um banco.

Fechada a boca, lágrimas desciam  
silentes sobre o espelho da lembrança,  
e no sangue do chão se diluíam...

É toda a espécie humana esta criança,  
e as lágrimas que dela se esvaíam  
sustentam nova edênica esperança.

## SONETO AOS PÁSSAROS

A Águia, para o súdito romano,  
foi símbolo de força, paz e guerra;  
também nas plagas da Nova Inglaterra  
ela é rainha sobre o ser humano.

No mesmo continente americano,  
seguindo rumo ao sul, como quem erra,  
Cabral foi venturoso ao dar na terra  
do bicudo e pacífico Tucano.

Românticos tiveram no Condor  
um ícone ideal e soberano  
para expandir seu estro e bem se impor.

Caipira, aqui na roça, mais sincero  
figura o masculismo sem engano  
que tem a marcha gay do Quero-quero!

## SONETO DA EXCEÇÃO

O mundo deve estar mal arranjado,  
desencontros se dão a todo instante:  
um chora desprezado, sendo amante;  
outro despreza, sendo bem amado.

Se por divina mão edificado,  
nosso planeta vai, porém errante,  
seis dias não terão sido o bastante  
para trabalho assim tão complicado.

Gente boa a sofrer a vida inteira  
é vista em toda parte sem pecado,  
e gente má é vista prazenteira.

Meu caso de exceção vai ajustado,  
porque, se pecador sou de carreira,  
no mundo, dores mil tenho penado.

## TEOLOGIA DAS PROBABILIDADES

A gratuidade do Bem é aleatória.  
A maldade é sempre intencional.  
Portanto, o que é aleatório é divino.  
As mutações de DNA são aleatórias.  
As mutações de DNA são divinas.  
O caos é aleatório ao controle humano.  
O caos é divino.  
Existir vida em um planeta de um sistema solar é aleatório.  
A vida nesse tal planeta é caótica.  
A vida em um planeta é vontade de Deus.

## UM OSCILOSCÓPIO POR TI GELA

A tua voz, para sempre, gravada  
em minhas retinas,  
é a imortal imagem tua ecoando  
em minhas trompas de eustáquio.

Pois tamanha  
confusão mental  
de profusão colateral  
tu desencadeias  
no meu osciloscópio redundante,  
que pleonasma!

## CÂNTICO EM DESCOMPASSO

Uma insone prantina, orvalhando o lençol,  
a cintilar, reflete o que não há de sonho  
no cântico ideal feito réquiem medonho  
em pentagrama impresso ao arribar do Sol.

Mas, a cada manhã, revigorar suponho  
o cântico, alentando-o mais em cachecol  
insano, e espiralado qual um caracol  
a furtar-se do agreste, gris mundo enfadonho...

Mundo enfadonho!, duro, rijo em teus limites:  
por que dás-me esperança?, se tanto é proibido  
sob a tua foice atroz; por que sonhar permites?

Amo, sabes?, mas este bem vem preterido  
pelo tempo de eu não-ser, e nada há que evite  
se aflora-me anacrônica cruel libido.

## Décima da Mulher

Mulher é um bicho esquisito:  
sangue três dias lhe escorre  
a cada mês, e não morre;  
mas, se lhe pica um mosquito,  
faz alarde igual apito.  
Um bicho assim que por “regra”  
sua estranheza não nega  
me dá um medo patente:  
pois não é que uma vidente  
via tudo, sendo cega?!

NAVIO  
a Camões

Este que os mares singra com pujança,  
vaga de continente a continente  
a levar para sempre um bem ausente,  
a trazer o imigrante e a esperança.

Com coragem viril ao léu se lança  
da fortuna até mesmo imprevidente  
que, por vezes, não sai impunemente,  
a soçobrar qual sonhos de criança...

Navio ou belonave, embarcação  
que rasga com o peito despojado  
o líquido da vida ou perdição,

carregou, no seu ventre, do passado  
os astronautas sem hesitação  
“em perigos e guerras esforçados”.

AVIÃO  
a Alberto Santos Dumont

Dos anseios, primaz da liberdade  
que resume a mecânica beleza  
e, furtando do pássaro a destreza,  
acaba por vencer a Gravidade.

Milênios só de ingênua veleidade,  
atada na primata natureza,  
contemplava a cerúlea realeza  
a eterna sonhadora Humanidade...

Então, eis que não mais podendo um dia  
de um Ícaro conter sua ambição,  
o céu genioso enfim se renderia

à vontade voraz de criação  
que no elenco da brava engenharia  
conquista o ar, nas asas do Avião.

## AMOR DE CORNO

Eu devo ser tratado como um verme:  
qualquer castigo é pouco para corno,  
conforme diz o povo; e pese o adorno  
sobre a minha cabeça a entreter-me...

Quando ainda eu gozava na epiderme  
o tátil gozo do teu corpo morno,  
delegava ao sabão, vassoura e forno  
o afeto que não pôde comover-me.

Mas neste pranto em forma de bolero,  
eu me humilho até o cúmulo do brega  
se ter-te novamente é o que mais quero!

Na fossa a gente vê que o bicho pega,  
na lata implorarei sem lero-lero  
até que desta voz não reste prega!

## IMITAÇÃO DE CRISTO

Não faço apologia ao sofrimento,  
nem ojeriza tenho ao mundo e ao gozo;  
não sou vanguarda, nem tampouco idoso;  
mas, sim, dou viva ao livre pensamento.

Da graça da fé cega estou isento,  
mas da graça e fé cega sou cioso,  
e almejo o Paraíso esplendoroso  
prometido por todo sacramento.

Cuido, porém, que Cristo deu exemplo  
ao sofrer o martírio no Calvário,  
altar desta verdade que contemplo:

Será no mais extremo e perdulário  
despojo, sem amparo, mãe, ou templo,  
que hei de ver Deus em meu itinerário.



## ARTE METAFÍSICA

Estranha arte é esta de escrever...  
Sem pincel, sem cinzel a obra cresce  
e toma forma, e nem forma carece  
para que a outrem venha a entreter.

Um papel sujo basta ao seu mister,  
um papel que no lixo alguém esquece...  
Na folha rota que o desdém merece,  
é nela que o poema vai nascer.

Poesia, prima-irmã da Matemática  
que no papel também faz teorema,  
tem ela sempre musa mais simpática.

Seguem Música e Dança o mesmo esquema,  
brotando da sublime e etérea prática  
qual do nada também brota um poema.

## SONETO DE NASALIDADE

a Vinicius de Moraes

De tudo ao meu nariz serei atento;  
e tanto e pouco e no jamais e antes,  
que mesmo em face de dois elefantes  
mais cause minha tromba alumbramento.

Por ele hei de viver sempre asmático  
de assoar minha alma, e escarrar sua escória;  
enamorado e não menos pneumático...  
da sublime função respiratória.

E assim, quando mais tarde me procure  
quicá o vexame, angústia de quem vive,  
quicá a rinite, conforme Deus mande;

possa eu me dizer do nariz (que tive):  
que não seja imoral, inda que grande,  
mas que seja aquilino, e não pendure.

## Minha Nora Vidente

Achei, de minha parte, coisa boa  
os zelos e cuidados que agora  
ao meu filho dispensa minha nora,  
a qual varre, cozinha, e ensaboa.

Pois, antes, nem sequer mesquinha broa  
degustava meu filho ao vir da aurora,  
moído a sustentar a tal senhora  
que ao banho não se dava, tão à toa...

Hoje em dia, meu filho passa bem:  
a mulher tomou viço e se perfuma,  
cuida do lar com ânimo também!

Mas a transformação se deu, em suma,  
depois que um “anjo” lá chegou —de trem—  
por benzer as mulheres, uma a uma!

## SONETO NACIONAL

Nasceu lá no Ipiranga a pátria amada  
de um povo bonachão e sempre plácido,  
mas de brio resistente ao próprio ácido  
gástrico a digerir a feijoada!

Fulguras, ó Brasil da caçoadá,  
qual um tendão-de-Aquiles cá da América;  
porque, se primas na tragédia homérica,  
tua comédia é a mais esculhambada!

Mas, se ergues da Justiça a clava forte,  
verás que um filho teu, se foge à luta,  
o faz somente em nome da labuta;

e, ao fugir do batente até a morte,  
canta mais alto seu canto guerreiro  
na cadência a sambar, bem brasileiro...

## ORAÇÃO

Serena alegria é ouvir Vosso eloqüente  
e impassível silêncio,  
que ensinou-me na primeira infância  
a conversar com os seres mudos do milagre  
da Criação.

Por meio deles, meu Deus, Vós me ensinastes  
a constante oração que nada pede,  
a qual o Cristo pôs em palavras  
dando “a César o que é de César,  
e a Deus o que é de Deus”.

Só faz sentido pedir a boaventura  
da Fé,  
razão de ser Humano.

## POR TODA A VIDA

Quando eu era pequenino  
a falar comigo mesmo,  
a viver ao léu, a esmo  
na sem-razão de menino:

Felicidade era a minha!,  
andando de braço dado,  
fingindo ser namorado  
de minha irmã caçulinha...

E os adultos que passavam,  
da tolice que julgavam,  
zombavam muito de mim.

Não sabiam, por cegueira,  
que iriam a vida inteira  
procurar algo assim.

## MISANTROPO

(as maritacas)

Que tenho eu a ver com este mundo  
de gente?, turbilhão da vã rotina;  
defuntos ambulantes, cega sina  
movem despertos num sono profundo...

Falem, falem mais, encham o meu saco!,  
que eu sozinho depois longe da rua,  
do silêncio as delícias tenho a Lua;  
e, plenos, muito rimos de vós: cacos!

Muito mais vale ter por companhia  
um bobo alegre, um grande imbecil  
que um hipócrita grave e varonil.

Digam que sofro de misantropia,  
mas à mulher prefiro a MARITACA  
(que nem dá o que dá de bom a vaca).

## Por Que o Mundo Existe?

Se Deus permite o mal, há um motivo,  
que é transformá-lo em bem —só pode ser—;  
eis a razão do nosso padecer  
nas garras do pecado assim cativos.

Vivia o pai Adão como um nativo  
silvícola tupi, a bem dizer;  
e o pranto lhe foi dado conhecer,  
a fim de o júbilo sentir mais vivo.

Pois “tudo se encaminha para o bem”,  
comenta o Catecismo com justeza  
aos crentes pela fé e na razão.

Deus fez o mundo —a isto digo amém—  
para que se expandisse a singeleza  
do Seu amor em cada redenção.

## DRAMA TOWARDS HEAVEN

Began the world from nothing, what so odd;  
miracle is that matter came to be;  
but, based on human reason, i can see  
the evidence that matter is of God.

On a strange and dark, maybe winter day,  
that can't be found on any calendar,  
the Holy Lord full of divine regard,  
began to be a poet and to say:

“Let there be light” on Earth, lyrical stage!  
Since then, a human drama is the play;  
the entrance is free, or a life to pay...

...A life to gain! Like ink on a blank page,  
through time, goes printing the will from above,  
on us, the goal of God of good of love.

## LEI NATURAL

Se Humanidades faz de tudo egoísmo,  
e Biológicas  
essa divinal essência  
a reduz a mera Química,  
que salve Amor  
Astronomia,  
cujá providencial ciência,  
da atração dos corpos  
com propriedade elucidada:  
Gravitação Celestial.

PÉ FRIO  
(ficção total)

Os sapatos vou pôr na geladeira;  
explico: sempre fui muito azarado,  
pois logo que nasci me foi cortado,  
além do umbigo, um membro por cegueira

ou descuido ou maldade da parteira,  
sei lá!; só sei que agora, mutilado,  
avexo-me de só mijar sentado,  
pois do contrário encharco a calça inteira...

Por conta desse corte fui cortado  
de fazer na Marinha uma carreira,  
nem ganhei a patente de soldado.

De Vênus não desfruto nem que queira  
um beijo. Sou pé frio, e, conformado,  
os sapatos vou pôr na geladeira!

A PEDRA DE NEWTON  
a Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha ein Stein,  
tinha ein Stein no meio do caminho.  
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minha Física tão Clássica.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha Einstein.

PORTANTO  
a Ruy Barbosa

De tanto ver vencer a nulidade  
sobre o real esforço e competência;  
de tanto vicejar a pestilência  
num estéril jardim de humanidade;

quando mais nada vale a proibidade,  
e a malícia suplanta a inocência;  
de tanto padecer a dura ausência  
da crença no poder da honestidade;

verificando, já sem esperança,  
que a única certeza é a morte rude,  
e que zombam da sua confiança;

de tanto ver a ignóbil atitude,  
louvada, prosperar com abundância:  
o homem vai perdendo a virtude.

#### À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA

“No princípio, era o Verbo”, e o Verbo amava,  
e, para amar, deu vida à criatura.  
Porque ser Deus, ser Deus não Lhe bastava,  
determinou a Redenção futura.

Javé, que sempre o povo Seu guiava,  
sendo Senhor, desceu de tal postura  
de fria impavidez que O amargurava,  
pois Deus quis ser PAI, e pai de ternura.

Mas só ser pai não Lhe bastou, ainda  
quis ser IRMÃO, e Se entregar exangue  
nas mãos sem nexos de sinédria gangue.

E, para ser irmão, na Sua vinda,  
o bom Deus recorreu à poesia:  
foi FILHO de uma virgem mãe, Maria.

## O BEIJO

O meu amor é coisa indefinida:  
existe dentro em mim um sentimento  
que oscila entre o riso e o lamento  
ao compasso do pêndulo da vida.

Em tudo quanto vejo ou invento,  
sempre a ternura se me faz sentida;  
assim, amo a chegada e a partida,  
amo a carne e o casto pensamento.

Por tudo que acontece sem razão,  
ou talvez pela extrema solidão  
que me faz desviar do senso reto,

em uma noite quente de verão,  
o cúmulo senti do meu afeto:  
enteneceu-me o beijo de um inseto!



## UMA LENDA QUÍMICA

Nos manuais químicos dum laboratório  
um Cloreto de Hidrogênio apaixonou-se  
um dia  
exotermicamente  
por uma base.  
Vislumbrou-a com seu olhar abrasivo  
de uma reação reversível:  
uma figura iônica;  
olhos 2 molar, boca dativa,  
corpo isobárico, seios em suspensão aquosa.  
Fez da sua uma vida  
à dela eletropositiva,  
até que se encontraram  
numa solução.  
“Quem és tu?” indagou ele  
em precipitado.  
“Sou filha dum Alcalino, e neta do Oxigênio.  
Mas pode me chamar Hidroxila, de Sódio.”  
E de falarem descobriram que eram  
altamente reagentes.  
E assim se amaram  
num ciclo de oxi-redução,  
oxidando  
ao léu da temperatura  
e da pressão  
metais, não-metais, semi-metais,  
por entre as colunas da Tabela Periódica.  
Escandalizaram os ortodoxos  
e desbancaram Lavoisier;  
desmoralizaram Clayperon  
e a relação de PVT.  
Enfim, resolveram atingir um equilíbrio,  
constituir uma família;  
uma família de gases nobres!  
De nobreza nada tinham;  
nem um tio Xenônio,  
nem um primo Hélio.  
Mas o produto que tiveram  
foi mais venturoso  
e providencial.  
No bojo dum erlemeyer,  
com rendimento cem por cento  
nasceram  
Água e Sal.

## ATLETA

Antes de vir o sol, de madrugada,  
viril disposição o impulsiona  
a correr até uma maratona,  
apenas por começo de jornada.

Com seu porte de esfinge levantada,  
o atleta os músculos abona,  
e se gaba de nunca ir à lona,  
pois é do Olimpo amostra coroada.

Mas por estranhas leis que o amor decreta,  
por tudo que acontece sem razão,  
as mulheres preferem o poeta...

De maneira que a pose de machão  
só acaba por deixar o ledo atleta  
mirando o espelho, doido de paixão!

## A COISA

(sátira ao Simbolismo)

Coisa coisal, coisinha casual...  
Coisona, que coisa mortal, que morte!  
Enxoval de mortalha sepulcral  
Ao léu, na Penumbra, da vida a Sorte...

Em brancas nuvens agora eternal,  
Suspensa nos adocicados sons  
Sem o peso das coisas do coisal...  
Na harmonia veludosa dos bons.

Coisa angélica, gélida coisinha...  
Absoluta coisona de um rapaz,  
Meu choro cinza, triste Coisa minha...

Coisal esperança, aliança, paz!  
Pertinentemente complementar,  
Coisinha essencial ao pé do altar.

POESIA,  
partícula expletiva

Mundos em sucessão  
muitos, muitos...  
cada um diverso do precedente;  
outros conceitos, nova concepção;  
todo instante uma verdade;  
em número imensurável  
arranjos,  
simultaneamente  
realidades  
distintas semelhantes cambiantes particulares  
por causa dos mundos  
concupiscente  
conjugação.  
Assim o “lá me faz bem”,  
assim o “lá não suporto”,  
o “que felicidades!”,  
e aquela situação exasperante...;  
todo instante  
um parecer;  
mundos em sucessão,  
o que é vai já deixando de ser:  
umas pessoas –tudo bem,  
outro arranjo –também,  
o mesmo arranjo e cai mal;  
bom-ruim-tanto faz  
-e Poesia onde cai?  
Poesia e seus versos  
luta, pro-  
cura por  
cura  
a propor  
em luta:  
pareceres? reflexões?  
indiferença dos céticos  
herméticos ven-  
cidos porém!  
Poesia de alguns  
compunção, talvez  
con-  
solação  
não;  
a troça de outrem,  
troça do próprio poeta  
janela  
e cai

Poesia em todo mundo em ausência  
onisciência  
trivi-  
al tanto faz  
pois toda vida  
janela  
e cada janela um mundo;  
muitos, muitos...  
e o Mundo tantos mundos  
em conurbação de mentes  
dementes  
nos põe  
em social conjugação;  
e eu e meu vizinho e eu  
e nosso vizinho ele  
de um mundo terceiro  
de sua janela terceiro mun-  
dista assim como eu assim como tu  
desde manhã percorre mundos a fio  
(pela vida que vê de dentro  
pela vida que vive fora)  
no jesto mais efêmero,  
aos furtivos olhares,  
nas palavras soltas,  
no discurso grave,  
em tagarelices  
tristes felizes  
a cada mais volátil instante  
ante  
da vida as implicativas  
combinações  
de vida de mundos-instantes  
cambiantes;  
tudo sendo instantâneo,  
tudo particular  
—Poesia, partícula expletiva.

## SONETO DO SÉCULO

(ao meu falecido avô materno José Barbosa de Oliveira, que viveu o século)

Primeiro a Física fez do universo,  
que outrora foi euclidiano, curvo.  
Porém, o humano senso ainda turvo  
remanesceu atrozmente perverso.

Pássaros de aço transpassam os ares;  
deu graça a música dos anos trinta;  
mas o juvenil sangue foi a tinta  
da história belicosa de pesares.

Um “Brave New World” assim foi se criando;  
o mundo dividido e unificado  
viu progresso inefável acelerado.

A tecnologia impõe o seu mando;  
a eletrônica alcança o requinte.  
Eis o turbulento século vinte!

## MOVIOLA

Prepara o filme, e põe na moviola;  
Eu quero apenas não querer mais nada,  
A minha fita é fita rodada:  
Não mais ouvidos dou à corriola.

O ceticismo que ora me isola  
Já foi ingênuo amor, já foi cilada.  
Adeus mulher, adeus à pátria-amada;  
Puxo o bonde empurrando a carriola...

Prepara o filme, e põe na moviola;  
Na edição, a tesoura enferrujada  
Não há de nos servir, fica calada.

O nosso filme é bom e não enrola:  
O que vale mesmo é a gargalhada,  
O resto é peta, é burla, ou é piada!

## APOLOGIA DO CORNO

Terei do amor um nojo rancoroso;  
podia ser, por tanto que hei sofrido  
em femininas teias iludido  
esparro e corno, e corno não zeloso.

Mas não; sou mais ativo e valoroso  
paladino fiel, mesmo abatido,  
do conformismo aos cornos conferido  
desde o mais novo até o mais idoso.

Não se deve temer, sendo traído,  
o apodo de cabrão ou melindroso,  
nem o ornato na testa já crescido.

Porque será mais vil e doloroso  
nunca beijar um lábio apeteçido,  
e furtar-se do chifre glorioso!

## SONETO DO FIM

O fim da gravidez é o nascimento;  
o fim do nascimento é dar a vida;  
o fim da vida é a sorte prometida  
e revivida em todo sacramento.

A infância é finda com o crescimento,  
que transforma a mulher bem mais querida  
ao homem já viril em sua lida;  
tudo a fim de que exista casamento.

O começo do fim é o Universo,  
e nele começou a Humanidade,  
que, um dia, começou a fazer verso.

O verso tem por fim posteridade  
se o destino não der-lhe um fim perverso;  
enfim, o fim do fim é a eternidade.

## SONETO À SOGRA

Quem ama a mãe da esposa é destinado  
a ter segunda mãe no casamento,  
cujo desvelo afável faz momentos  
de eternidade, eternos, conjugados.

Caminha o marido lado a lado  
com os pais do querido complemento;  
quem quer dessa família estar isento,  
não pode ter seu próprio clã honrado.

Ser mãe de um ser amado é dom divino,  
se santo é o próprio Amor que nos dá a Vida  
que vem da Virgem Mãe do Céu querida.

Portanto, aqui redijo um ledor hino,  
se tal subido lastro um genro logra  
expondo como é bom amar a sogra.

## Rendição

Flameja uma bandeira  
No campo de batalha.

Não quer mesmo que queira  
Da pátria a mortalha.

Junto à bandeira arqueja  
Um soldado que manca.

No horizonte flameja  
Uma bandeira branca...

## OS PORTUGAS

### CANTO I

(antes da ressurreição)

1

As armas e os barões atrapalhados,  
Que da accidental praia Lusitana,  
Por mares nunca de antes insultados,  
Passaram muito além da mente insana  
Em pegas-para-capar desnorteados,  
Mais do que os que estimula o rum-de-cana,  
E entre gente mais torta edificaram  
Novo Reino, que tanto avacalharam;

2

E também as piadas gloriosas  
Dos Portugas que foram difamando  
O bom-senso, e as terras viciosas  
Do Brasil foram só bisbilhotando;  
E aqueles que por obras desastrosas  
Vivem da lei da morte se esquivando;  
Sorrindo espalharei por toda parte  
A desmesura em Vênus, Terra e Marte.

3

Cessem do nécio Gago e Paraíba  
As confusões heróicas que aprontaram;  
Cale-se de bombinha e de biriba  
O furor da mamãe que provocaram,  
Pois o portugo peito é sempre arriba,  
De quem Neptuno e Marte assim zombaram:  
Cesse tudo o que a Musa velha arrota,  
Que furtivo é o peido que se nota.

4

E vós Sátiros lindos, pois criado  
Tendes em mim um novo pervertido,  
Se sempre em verso liso e bem safado  
Celebrei vosso mato divertido,  
Dai-me agora um som alto e perfumado,  
Um estilo maldoso intrometido,  
Por que, de vossas moitas, Febo diga  
Que saiu assustada a Rapariga.

5

Dai-me uma pamba grande desejada,  
E não um clarinete ou flauta ruda,



Mas a tuba canora avantajada,  
Que ao peito ascende e a cor ao gesto muda;  
Dai-me esse entusiasmo da gozada  
Gente vossa, que ao Riso tanto ajuda;  
Que se espalhe a pilhéria no universo,  
Se tanto despautério cabe em verso.

6

Manuel Joaquim, herói da nossa gente,  
Partiu de Portugal mui furibundo  
Com o Destino, este indecente,  
Que o confiou nas mãos do Velho Mundo;  
E arribou no Brasil, todo contente,  
A fim de mergulhar até o fundo  
Num barril generoso de cachaça;  
Vê-lo assim dava gosto, dava graça.

7

Depois de beber tal tonificante,  
O portuga quedou-se a lamentar:  
Queria ver Maria, sua amante;  
Largado ao celibato do além-mar,  
Encasquetou a idéia no talante  
Que, no Brasil, preciso era casar;  
Esteve por alguns dias inquieto,  
Carecia escrever o analfabeto.

8

Então, para Maria enviou  
Uma fosfórea caixa, em sinal  
Do grande amor que sempre despertou  
No seu portugo peito angelical  
A boca desdentada que beijou  
Numa moita dum bosque em Portugal;  
Mas, dos fósforos não valeu nenhum,  
Pois Manuel testara cada um.

9

Sequioso por ler a correspondência,  
Manuel pedia a Pedro, mais letrado,  
Que lesse em alta voz com diligência  
As cartas que enviava o ente amado;  
Em uma nobre mostra de demência,  
Os ouvidos de Pedro eram tampados  
Pelas mãos do portuga cauteloso  
Em preservar o assunto sigiloso.

10

Maria de Oliveira Corrimão,  
Desde sempre beata de carreira,  
Levava sua bíblia na mão,  
Levava sua vela na algibeira,

Deixava mui feliz o sacristão  
Cuja cara luzia prazenteira;  
Esta mulher, portuga exemplar,  
Chorava o Manuel no além-mar.

11  
Maria se aprazia em contemplar  
Todos os santos feitos de madeira;  
Gemia de fervor ao pé do altar,  
Tamanha a sua fé tão verdadeira;  
Deixava mesmo até de respirar  
No momento da reza derradeira;  
Pois é santa a portuga concubina,  
Que agrada ao homem que não é sovina.

12  
Com os pretos mostrava caridade;  
Sem racismo, pintava-os de cal  
Dando a todos a sua claridade;  
Segurando a brocha pelo pau,  
Conheceu uma sã maternidade,  
E assim tão pura nunca se deu mal;  
Entanto, Manuel ia sofrendo,  
E na testa um ornato ia nascendo.

13  
Manuel, sendo burro mas não besta,  
Arranjou outro amor, e sem tardança  
Fez o Pedro escrever uma funesta  
Missiva, pondo cabo à esperança  
Da Maria lograr pela fenestra  
Penetrar no Brasil da maré-mansa;  
A portuga, ficando em chão natal,  
Lamentou ter nascido em Portugal.

14  
Manuel se enfeitou e pôs gravata  
Para ir ao encontro triunfal  
Da musa que do samba é diplomata,  
Que neste mundo não acha rival;  
Ele se enrabichou pela Mulata,  
Riu-se do sem-sabor de Portugal,  
E três dias passou tirando e pondo;  
O quê?, a bem dizer, é o que não sondo.

15  
Por nossa estranha sina sobre a Terra,  
Por tudo que acontece sem razão,  
Aqui dá-se um milagre que aterra  
Na vida do portuga bom varão:  
De repente a Mulata um dia berra,  
Notando que lhe cresce um barrigão;

Passados nove meses ansiosos,  
Os papais se contentam de orgulhosos.

16

A fim de sustentar a farta prole  
Que se seguiu depois do matrimônio  
(Nota-se que a Mulata muito bole,  
Esta obra divina e do demônio),  
O Manuel deixou de corpo mole,  
E teve que arrumar labor idôneo;  
Fundou o brasileiro botequim:  
Esta instituição nasceu assim.

17

Pra consolar Maria em Portugal,  
Lamentando perder pra brasileira,  
Manuel lhe enviava genial  
Mistura de farinha bem caseira  
Pra emprenhamento não convencional;  
Maria prenhe, diz ele sem eira:  
“Que coisa nova, que coisa epilética!  
Caralhos, criei a Porra Sintética!”

18

Teve também um caso de exceção:  
Afonsinho em Lisboa, viu seu pai  
Jogando a um mendigo um só tostão;  
Já chegando ao Brasil, deu muito mais,  
E o menino, confuso da razão,  
Pergunta: “Por que aqui tanto assim dais?”  
Responde o pai, risonho e zombeteiro:  
“Porque este, além de tudo, é brasileiro”.

19

Manuel nunca quis o casamento  
Da filha com o velho Raoni;  
Pois, exigiu do índio provimento  
Além do que podia um guarani;  
Havia de ter membro de jumento  
Esta caricatura de Peri;  
Sem vacilo, a resposta logo veio:  
O índio ia mandar cortar no meio!

20

Da Mulata com nosso Manuel,  
Ao mundo veio gente indefinida  
Que eu não ousou pintar neste papel;  
Do índio com a filha divertida  
Dos, tenros qual jasmim, beijos de mel,  
Nasceu robusta a raça prometida,  
A raça malandrinha e fuxiqueira,  
A raça da brava gente brasileira.

21

Depois veio a nascer Macunaíma,  
O grande mal, a grande tempestade  
Que se espreguiça e nunca sai de cima  
De uma rede de luxo e de maldade;  
E se seu pai louvado cabe em rima,  
Deus salve a pena de Mário de Andrade  
Que aos povos deu o povo em prosa e verso,  
E aos novos deu um novo senso emerso.

22

Voltando ao Manuel, bom português,  
Dou fé que um nobre amigo ele arranjou;  
O amigo aqui chegou, fazia um mês,  
Do distante Japão, e se casou  
Feliz com uma doida o japonês;  
Pouco custa antever o que passou:  
História com portuga e nipolino  
É um belo monumento ao desatino.

23

Tendo um filho, o japona quis um nome  
Que cá servisse em plaga ocidental  
Para o menino nunca passar fome  
Ou carestia, ou mesmo passar mal  
De diarreia, que tanto consome  
O siso do malandro e do boçal;  
Querendo batizar o rapazinho,  
Foi atrás do portuga, seu vizinho.

24

No boteco, o portuga bonachão  
Contemplava a poupança já capenga  
Da tal Mulata amor de perdição,  
Quando entrou o japona lenga-lenga  
Atrás de um nome a dar ao seu varão,  
E, sem saber, criou uma pendenga  
Compreendendo torta a sua mente  
O que disse o portuga simplesmente:

25

“Sugiro que o menino venha a ter  
Um belo nome, qual Sebastião,  
Vulgo: Tião, herói que há de volver  
De Arábia com a glória da nação”;  
E o nipolino, sem nada entender,  
Deu, à palestra, sua conclusão:  
“Sim, gostei do Sugiro, obrigado;  
Assim vai se chamar este abestado”.

26

E quando o japonês ficou doente  
Já morrendo na cama do hospital,  
Dizia: “Soro... caba” falecente  
Nos braços do portuga prantinal;  
Até que em fim, sem mais e de repente,  
Bate as botas o japona, de tão mal;  
“Mas, o que foi?”, se assusta o enfermeiro  
Chegando bem no instante derradeiro.

27

“Não sei; morreu assim este infeliz;  
Apenas Sorocaba ele lembrava,  
Urbe talvez de antiga cicatriz”;  
Com cara mais atenta e muito brava,  
Lamenta o enfermeiro todo gris:  
“Pudera, Manuel, você pisava  
Na borracha do soro glicosado:  
O morto faleceu esfomeado!”

28

No enterro do japona, dá-se o cúmulo  
Do orgulho, vaidade e despautério  
Quando Manuel, junto ao val do túmulo,  
Com voz grave discursa muito sério  
E cai-lhe a dentadura de tão trêmulo  
Naquela cova chã do cemitério,  
Mas, altivo, inda diz num improvisado:  
“E... leva este meu último sorriso!”

29

Na saga valorosa do imigrante  
Alemão, japonês e italiano,  
A morte formidável é constante,  
Como é constante o esforço sobre-humano  
Por fazer que o portuga mais de adiante  
Do ítalo, nipônico e germano;  
E resta-lhe berrar feito uma anta:  
“A minha lança é dura, e se alevanta!”

30

Mas, se todo cristão é português,  
E Portugal é toda a cristandade,  
E mesmo o bacalhau norueguês  
Perde em fé pra portuga qualidade,  
A escolha está a gosto do freguês:  
Tem salame, toicinho e brevidade;  
Tem gente, que fugindo do tridente,  
Foi plantar cruz em cada continente.

31

Findo o Império, veio o preconceito

Para com o portuga bigodudo  
Por parte dessa gente sem respeito  
Que pensa ter brasão e poder tudo  
Tão somente porque, digo sem jeito,  
Parece que o portuga é orelhudo;  
Abaixo ao preconceito, minha gente,  
A quem se faz de cérebro carente.

32

Nem todo português se debilita  
Diante do malandro tropical;  
É o caso do portuga que arrebita  
Arrebita arrebita o berimbau  
Da Mulata que nunca facilita  
Fazendo na avenida o Carnaval;  
Salve o Moreira, o Souza, o Oliveira,  
Coringas da folia brasileira!

33

Como é certo que um dia tudo finda  
Neste planeta pleno de incerteza,  
Vou dando cabo nesta história linda  
Da raça enobrecida à fortaleza  
De um caráter ereto, e mais ainda  
Soberbo de façanha à portuguesa;  
Pois eu vi quando tudo teve fim;  
Foi numa noite, lá no botequim:

34

O turco Farid, grande cobrador,  
Tinha brio por jamais se alienar  
Do dinheiro, razão do seu amor  
Todo feito de débito à cobrar,  
E nesta noite quis ver o senhor  
Davi, judeu ferrado a não pagar;  
A dívida imensa do judeu  
Foi razão que com tudo feneceu.

35

Armado de pistola, o turco disse  
Ao judeu que de lá não sairia  
Sem que a cor do dinheiro ele visse,  
Sem saber que Davi se mataria  
Para que assim a dívida sumisse  
No pó que volta ao pó da sesmaria;  
Porém, o turco tira o seu chapéu,  
E vai cobrar a dívida no céu.

36

Mortos Farid e aquele fariseu,  
Manuel, empolgado, os imita

Arrebentando à bala o crânio seu;  
A Mulata lamenta e se agita  
Com a frase que não compreendeu:  
“Ora, pois, que não perco esta grita  
Nem que esteja bem morto lá no céu!”  
E o portuga morreu, assim, ao léu.

37

Morte gozada, morte um tanto besta  
Esta morte portuga, lusitana;  
Se eu pudesse, fazia uma requêsta  
Para ressuscitar a mente insana  
Do Manuel, herói desta palestra,  
Que é portuga, sambista e pé-de-cana;  
Quero que Deus ao mundo ele nos mande  
Para do mundo a Deus dar parte grande.

## CANTO II

(a ressurreição)

1

Recolhendo os miolos espalhados  
Pelo chão, a Mulata dedicada  
Implorava o perdão dos seus pecados,  
Alegando, bastante melindrada,  
Sem querer terem sido praticados,  
Pois a fé para ela era sagrada:  
“Saravá, Santo Antônio de Lisboa!  
Tem pena desta filha de Gamboa.”

2

“Pois que se sempre obrar foi minha sina  
Pelo bem do Portuga, meu marido,  
Por quem perdi as graças de menina,  
Tendo meu lorto muito padecido,  
Afasta-me, senhor, desta prantina,  
Que hás de ficar contente e ressarcido;  
E juro que se tal se assuocer,  
Eu deixo o samba... eu deixo de beber.”

3

Santo Antônio bondoso, enternecido  
Por tamanha, singela e pura fé  
Da Mulata que sempre tem vivido  
De dar tudo por um copo de mé,  
Considerou ser justo e merecido  
Seu interceder junto à Santa Sé;  
Posto que uma figura assim lendária  
Não merecia tal morte ordinária.

4

Manuel levantou, de um salto, são,  
Exconjurando, fulo, Santo Antônio  
Que não o deixou morto em paz no chão  
Junto da companhia do Demônio  
E suas diabinhas de plantão  
Que se davam a ele em matrimônio;  
O Manuel até no Purgatório  
Tinha que ser portugo e ser notório.

5

Dona Mulata quis comemorar  
A feliz, conjugal ressurreição;  
Saiu com seu portuga pra jantar  
Cheia de si, conforme a tradição  
Muito afeita ao estilo popular  
De fingir que jamais meteu a mão  
Num prato de comida transbordante,  
Fazendo-se de chique, de importante.

6

O portuga, que nunca em restaurante  
Havia acomodado o seu traseiro,  
Rebolou-se por dois ou três instantes  
Qual se fosse em batalha um guerreiro  
A perder a saúde e o talante  
Entre a faca, o garfo e o saleiro;  
Queria uma azeitona alfinetar,  
Porém ela insistia em escapar.

7

Até que, com respeito, o garção  
Disse: “Não é assim, caro senhor”,  
E com habilidade e destra mão,  
Fazendo o Manuel mudar de cor,  
O fruto alfinetou no bandeirão,  
E em frente do portuga veio a por  
Garfo com azeitona qual troféu  
Dando afronta ao sisudo Manuel.

8

Mas o nosso herói não se amofinou;  
De ar encheu o peito, juntou tino,  
A Deus e ao mundo a alma encomendou,  
E com tanto conluio assim divino  
Que a lusitana gente auxiliou,  
Safou-se do garção num desatino:  
“Pegaste a azeitona, sim, bem vi,  
Mas primeiro eu cansei-a para ti!”

9



Quanto espírito!, quanta inteligência  
Vemos aqui na vida lusitana;  
Que tato!, que sensata interjumência  
Além do terrenal, além de humana  
Concedeu-se por Deus com diligência  
À raça que dobrou a Taprobana,  
E entre gente remota construiu  
O Império, a quem tanto divertiu.

10

Gigante, Adamastor é uma imagem  
Símbolo da grandeza sem igual  
Nascente da vontade e da coragem  
Para vencer a mofa, porco mal  
Oriundo da ignóbil vassalagem  
Sofrida por quem vem de Portugal:  
Adamastor, com garbo varonil,  
Fez-se peão de obra no Brasil.

11

Eu, outro dia, lendo um bom jornal,  
Me informei da atual situação  
Em que vive a família em Portugal;  
As mulheres evitam concepção  
Com um costume casto e virginal:  
Lá, varão só se deita com varão,  
E o boiolismo agora é permitido  
Com aval da moral e do marido.

12

Assim é o bravo povo belicoso  
Que em Porto Cale fez-se florescer,  
Que desde Lusitânia, chão formoso,  
Se arrojou para o mundo submeter,  
Cujo Império tão vasto e glorioso  
Avistava primeiro o Sol nascer;  
E, portanto, também para se amar  
Eles põem as espadas pra brigar.

13

O valor português será lembrado  
Mesmo que, para isto, em castidade,  
Cujo voto é tanto celebrado,  
Tenha eu que viver feito um abade  
Rezador, penitente e respeitado  
Pelas mulheres da boa-vontade;  
Pois à vida voltou para ser grande  
Nosso herói que faz rir por onde ande.

## CANTO III

(haja paciência)

1

Estando, certa vez, no elevador,  
Manuel observou gentil inglês  
Que ao flato de uma jovem, com pudor,  
Disse ter sido seu, sendo cortês;  
Pois então adentrou lá no ascensor  
Velha gorda a peidar sem timidez  
E o Manuel: “Os peidos da velhinha  
Que agora entrou, são todos culpa minha!”

2

Mas, pior foi no bonde certo dia  
No tempo desta elétrica carroça;  
Chovia muito, sim, como chovia!  
E o bonde era aberto, que palhoça...  
E o portuga sozinho lá seguia;  
“Pois, troque de lugar, ora que troça!”  
Mas vendo que não tinha mais ninguém:  
“Trocar até queria..., mas com quem?”

3

Também logo chegando ao Brasil,  
O primo do portuga padeceu  
A gozação, galhofa, troças mil  
Devido ao nome que seu pai lhe deu:  
José Veado, que nome mais vil...  
Pois, em cartório, outro recebeu  
E por escolha própria foi chamado  
Não mais José, porém Vasco Veado.

4

Bem, este primo teve um triste fim,  
Mas digno de honrado lusitano;  
Foi quando encendiou-se o botequim  
E Vasco cometeu um ledó engano  
Com o extintor que dizia assim:  
“Cabeça para baixo contra o plano”;  
Pobre Vasco acabou carbonizado  
De pernas para o ar, muito esforçado.

5

Sem graça com a fama que lhe dava  
Todo o povo de ser tonto e tapado,  
Manuel, furibundo, matutava  
Num jeito de ser bem considerado;  
E, para tanto, pouco lhe faltava:  
Era só estudar, ser mais letrado;  
Um professor de lógica arrumou

Que ao Manuel assim o ilustrou:

6

“De lógica o mundo está formado,  
De bom-senso é que a lógica se embasa;  
Por exemplo, discípulo estimado,  
Acaso você tem cachorro em casa?  
Se tem, tem filhos; não é, pois, veado.”  
Com este exemplo doido, esta vaza,  
Claro que era portuga o professor;  
Perdoa-me Jesus Nosso Senhor!

7

Mais doido ainda foi o que se deu  
Quando o amigo Pedro perguntou  
Sobre a lógica, “coisa de sandeu”,  
Ao que o portuga logo secundou:  
“Tem cachorro no doce lar de seu?”  
E Pedro: “Não, com bicho não me dou”;  
“Logo”, fez o portuga entusiasmado,  
“És bicha, um boiola, um veado!”

8

Eis sutileza!, eis vigor mental  
Peculiar à raça lusitana  
Que há de ser interna de hospital  
Dando a luz à Ciência Americana  
Cujo amor se sublima a Portugal  
Nas piadas gozadas tão sacanas  
Deste bardo que em seu delírio canta  
O portugo valor que se alevanta.

9

Este valor já vem de antiga data  
Quando do Manuel um ancestral  
Em uma expedição brava e sensata  
Acabou bem, mas quase se deu mal  
Procurando uma nova rota exata  
Rumo à Índia submissa a Portugal;  
E por causa de um vento mui cortês  
O Brasil é um erro português.

10

Em vez de achar a Índia, o lusitano  
Encontrou com as índias tropicais,  
E no seu apetite tão profano  
Aderiu aos costumes canibais  
Abocanhando dez índias por ano  
A se fartar até não poder mais;  
E desta comilança doida acaba  
Que o brasileiro tem um pé na Taba.

11

Dirigindo seu carro, embriagado,  
Duma feita o Mané fez uma cena;  
Tendo a polícia tanto atormentado,  
Inda disse com voz a mais serena:  
“Cachaça não me deixa embriagado.”  
Pois, deu-se alteração na sua pena  
Não mais de trinta dias no xadrez,  
Porém, conforme é justo, só de um mês.

12

É posto Manuel com um leproso,  
O qual na cela quer meter-lhe medo;  
Eis que o pérfido, podre criminoso  
Arranca e joga fora o próprio dedo;  
Não dando o outro mostras de ansioso,  
O vilão joga um braço já azedo,  
Ao que o nosso herói solta gritos loucos:  
“Ó pá, o gajo está fugindo aos poucos!”

13

Depois de conseguir a liberdade,  
Muito mais aprontou o Manuel  
Com o seu nobre estilo e dignidade  
Tanto na Terra, bem como no Céu;  
De modo que, por tal enormidade  
De esculhambação, falta-me o papel,  
E a vocês faltaria a paciência  
Para saber de tanta interjumência.

#### CANTO IV

(ascensão e vida eterna)

1

Já velho assaz cansado da existência,  
Desgostoso a beber ardida cana,  
O Manuel em trôpega cadência  
Saiu com um charuto dos de Havana  
A devanear sem qualquer prudência,  
Pisando numa casca de banana;  
Mas, antes que ele caia, o tempo pausa;  
O Olimpo delibera sobre a causa.

2

Do alto do seu trono soberano,  
Zeus preside o concílio divinal  
Inquirindo em tom grave, puritano,  
Qual será desta história o final:  
“Conheço o peito ilustre lusitano,  
E conheço o valor de Portugal;  
Como pode um herói morrer assim

Só de queda, qual um Mané Joaquim?”

3

Vênus, cheia de amor, pudica e casta,  
Contemplando o portuga, amorosa,  
Despe-se, fica nua, e se arrasta  
Para Zeus a rogar-lhe mui chorosa:  
“Meu senhor, elogio só não me basta;  
Bem sei que vós me tendes por gostosa,  
Mas eu quero de vós prova cabal  
De amor por vossa gaja e Portugal.”

4

Mas Baco intrometido, cão danado,  
Desvelando as orgias da menina  
Deixa Zeus muito fulo e corneado;  
Sendo, porém, safada e feminina,  
Vênus ataca por um outro lado  
Fazendo-se de frágil, com prantina,  
Fazendo-se de santa, piedosa,  
Constipa a voz e diz toda manhosa:

5

“Se Deus é brasileiro (por que não?),  
Zeus haverá de ser de Portugal,  
E neste honrado posto e condição  
Tem por mister trazer à imortal  
Acrópole de nosso Olimpo, então,  
O bravo português de estirpe tal  
Digno de receber também seu culto  
Mítico de piadas de alto vulto.”

6

Um amante dos gestos grandiosos,  
Zeus manda Baco ir catar coquinho;  
Depois, sacolejando os generosos  
Músculos colossais quais de moinho,  
Solta estrondos de voz mais poderosos  
Que um guri pirraçando seu vizinho:  
“Eu ordeno que suba o Manuel  
Para entrar nas comidas cá no Céu!”

7

E assim como ele está, com vista incerta,  
Língua pra fora, mãos à rivelia,  
Perna no ar, braguilha meio aberta,  
Dá-se com Manuel dita magia  
Deixando-o cabreiro, um tanto alerta,  
Sem saber para onde é que ia;  
Foi subindo, subindo sempre ao léu  
Com charuto e cachaça rumo ao céu...

8

Assim é que ascendeu o nosso herói  
Numa ascensão de glória triunfal  
Ao Olimpo que o tempo não corrói;  
Livrou-se do sepulcro e pá de cal,  
Ninguém lhe ofende mais, nada mais dói,  
Nem mais saudade tem de Portugal;  
Pois agora está livre, está contente:  
Manuel Joaquim, herói da nossa gente!

Nhandeara, 17 de março de 2001  
Marcos Satoru Kawanami